

Artur Vasconcellos Araujo
Universidade de São Paulo

A notícia que é notícia: o *blog* jornalístico

Introdução

Os *weblogs* ou *blogs* têm sido cada vez mais utilizados na imprensa. O emprego do conceito, entretanto, é objeto de controvérsias, decorrentes tanto do teor polissêmico da expressão quanto do princípio anárquico que orienta sua práxis discursiva.

Para entender um pouco essa polêmica, é preciso, antes, decifrar seus significados. A expressão surgiu nos Estados Unidos em 1997 como uma derivação de um termo anterior: “*web log*”¹. A locução substantiva, no jargão da Tecnologia da Informação, é o nome que se dá ao arquivo digital que contém o registro da quantidade e do tipo de acessos feitos a um determinado servidor².

O neologismo foi criado pelo norte-americano Jorn Barger para designar seu *site*, uma *home page* pessoal³ caracterizada por uma coleção de comentários com *links*⁴ para outras páginas da Internet que terminava com uma seção na qual o autor mantinha um diário⁵.

A palavra tem quatro acepções fortemente vinculadas e uma quinta, cujo liame é menos intenso. A primeira acepção é de coleção de *links* com comentários⁶; a segunda é de diário *on-line*⁷; a terceira é de *home page* pessoal na Internet⁸ e a quarta é de página na Internet disposta em ordem cronológica⁹, geralmente produzida por meio de *softwares* de edição *on-line*. Uma quinta acepção vincula a palavra ao conceito de espaço de discussão. A associação decorre da existência, em alguns programas, de uma ferramenta de edição que permite aos internautas deixar mensagens. Essa última definição tem sido cada vez mais associada ao conceito¹⁰ apesar de programas de edição em outros formatos oferecerem o mesmo recurso. Todos os cinco sentidos da expressão terminam por amalgamarem-se,

¹ R. BLOOD (org), *We've got blog: how weblogs are changing our culture*. Cambridge (USA), Perseus, 2002, p 19-20; e P. BAUSCH; M. HAUGHEY, e M. HOURIHAN, *We Blog: Publishing Online with Weblogs*. Indianapolis (USA). Wiley Publishing, 2002, p 294.

² *Servidor*: Máquina com função de gerência dos recursos disponíveis dentro de uma rede. Algumas redes têm um servidor dedicado a cada serviço.

³ *Home page* pessoal: *Site* na Internet publicado e mantido por um indivíduo.

⁴ *Link*: recurso da codificação de hipertexto que aparece nos documentos e se manifesta ora como palavras, ora como imagens grafadas em destaque. Por meio deste recurso, são estabelecidas ligações para arquivos de um mesmo *site* ou de diferentes *sites*. O *link* também pode ser um dispositivo da codificação HTML que aciona um sistema de comunicação, geralmente um e-mail (correio eletrônico).

⁵ P. BAUSCH; M. HAUGHEY, e M. HOURIHAN, *We Blog: Publishing Online with Weblogs*. Indianapolis (USA). Wiley Publishing, 2002, p 9; e BLOOD, 2002, p 7.

⁶ C. A. RABAÇA, e G.G.BARBOSA, *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro, Campus, 2001, 2 ed. rev. e ampl., p 74.

⁷ D. SCHITTINE. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Cópia xerográfica. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002, p 37.

⁸ E. BARBOSA, e A. GRANADO. *Weblogs: diário de bordo*. Porto, Porto Editora, 2004, p 22.

⁹ *Ibiden*, p 11-12.

¹⁰ P. BAUSCH; M. HAUGHEY, e M. HOURIHAN, *We Blog: Publishing Online with Weblogs*. Indianapolis (USA). Wiley Publishing, 2002, p 9; e BLOOD, 2002, p 180.

criando híbridos de dois, de três, de quatro ou de todas as possibilidades semânticas do termo.

A palavra *weblog* tornou-se muito popular junto aos usuários de Internet a partir de 1999, quando surgiram os primeiros *softwares*¹¹ de edição de páginas *on-line* que dispunham os arquivos inseridos em ordem cronológica reversa, isto é: pelo conceito de edição do programa, a mensagem ou arquivo mais recente fica no topo da página, seguido do que o antecedeu até o mais antigo, posicionado no final da página. O recurso viabilizava a produção de conteúdo dinâmico, ou seja, permitia modificações e acréscimos com rapidez, por meio de poucos comandos. A grande receptividade destes programas, que imediatamente ficaram associados à palavra, surgiu em decorrência de dois fatores: os baixos custos de produção – o serviço era oferecido em muitos casos gratuitamente e sem burocracia – e a facilidade de manuseio – o interessado não precisava mais conhecer a codificação HTML¹² para publicar o que quisesse: textos, arquivos gráficos animados ou não (fotografias, vídeos, desenhos etc) e arquivos de áudio. Quando na página predominam textos, ela é chamada simplesmente de blog; quando predominam as imagens, ela é chamada de fotoblog ou flog; quando predominam os arquivos de áudio, é chamada de audioblog, e quando predominam os arquivos de vídeo, a página tem sido denominada de vlog ou videoblog.

A gratuidade do serviço e a facilidade do uso terminaram por fazer do *blog* uma metáfora, no ciberespaço, do Hyde Park londrino, jardim público especialmente famoso por seu *speaker's corner*, tribuna onde anônimos e famosos, dos mais diferentes credos, tomam a palavra e expõem suas idéias. Sob a perspectiva teórica da Semiótica e da Análise do Discurso francesas, consideramos o *blog* um enunciado, ao qual está pressuposta uma enunciação. Visto então como texto, o *blog* será observado como junção entre o plano do conteúdo e o plano da expressão e os sentidos veiculados serão observados como efeitos semânticos, depreensíveis pelo analista e resultado das estratégias enunciativas orientadas para fazer-criar. Assim serão observados valores subjacentes que norteiam o dito e o modo de dizer. Com base nesta perspectiva, é possível identificar onze coerções genéricas do *weblog*:

1. É um suporte digital *on-line*, entendendo suporte digital como meio de comunicação na Internet.
2. É caracterizado pela brevidade textual, com uso freqüente da parataxe.
3. É um discurso que se apresenta muitas vezes com violações da norma culta, o que aspectualiza o sujeito da enunciação, na cena englobante, como apressado.
4. É um discurso marcado pela coloquialidade.
5. É uma página atualizada constantemente.
6. É elaborado a partir de um documento pré-moldado, que dispõe o material em ordem cronológica reversa (o documento mais recente em cima e o mais antigo no fim).
7. É um discurso costumeiramente debreado em primeira pessoa.
8. Constrói um simulacro de co-participação, exacerbando o papel do leitor como co-enunciador (no caso da ferramenta de comentários).

¹¹ *Software*: programa, rotina ou conjunto de instruções que controlam o funcionamento de um computador.

¹² *Codificação HTML*: O termo HTML é o acrônimo de “Hypertext Markup Language” (Linguagem de Marcação de Hipertexto). A *codificação HTML* é o conjunto de convenções desse sistema.

9. Constrói um “modo de ser” *blog*, ou seja, há um “estilo” *blog* de expressão.
10. Adota com grande recorrência outros discursos como referência e elabora mecanismos textuais e discursivos para remissão à intertextualidade (*links*).
11. Produz um sujeito da enunciação depreensível como totalidade, como persona.

O blog e o jornalismo

O *blog* no âmbito jornalístico tem ocorrido principalmente sob a forma de texto. Nessas publicações digitais, o conceito tem sido empregado dos cinco modos que remetem à idéia de *blog*: como programa de edição, como espaço de discussão —por meio dos *softwares* que disponibilizam o recurso de comentário—, como coleção de *links*, como diário e como *home page* pessoal, que se associa à idéia de coluna, quando transmutada para o estilo.

Como programa de edição, o *blog* atrai a imprensa escrita *on-line* por três motivos: permite a publicação instantânea de arquivos, conta com espaço delimitado para o título e para o texto —em certos casos, conta também com espaço para inserir fotografias ou arquivos gráficos— e ordena cronologicamente os arquivos postados. O jornal *on-line* norte-americano “Florida Today”, por exemplo, cobriu a missão da nave espacial Columbia no formato *blog*¹³.

Como espaço de discussão, o *blog* atrai por cultivar canais de diálogo do jornalista com sua audiência. Esta é, por exemplo, a idéia da versão *on-line* do jornal “O Globo”, que criou a seção “Blogs”¹⁴ com onze jornalistas que também assinam colunas na versão impressa.

Como coleção de *links*, os jornalistas vêm no conceito uma versão, em hipertexto, dos digestos, as publicações que comentam outras publicações. Esta é a proposta, por exemplo, do *blog* jornalístico “Ponto Media”¹⁵, de António Granado.

Como diário, o *blog* estabelece um vínculo com uma vertente dita marginal do discurso jornalístico, mas que tem na obra de John Reed¹⁶ sobre a revolução soviética de 1917 um expoente notório. É o caso, por exemplo, da seção “Reporters’ Log” que a rede britânica “BBC” criou para seus jornalistas expor fragmentos das informações coletadas, ainda em estado bruto¹⁷.

Por fim, como *home page* pessoal, o *blog* de imprensa aparece associado aos *softwares* de edição e assume a conotação de coluna jornalística. Um exemplo é a página de Ricardo Noblat, no Blig¹⁸.

O resultado do emprego do *blog* como formato de imprensa costuma ser um amálgama de duas, de três, de quatro ou mesmo de todas essas definições.

¹³ Disponível em [<http://www.floridatoday.com/journal/020103landing.htm>], acessada em 9 de março de 2003.

¹⁴ Disponível em [<http://oglobo.globo.com/online/blogs/>], acessada em 25 de abril de 2004

¹⁵ Disponível em [<http://ciberjornalismo.com/pontomedia.htm>], acessado em 25 de abril de 2004.

¹⁶ J. REED. *Dez dias que abalaram o mundo*. Trad. de A.Gimenez. São Paulo: Global, 1982.

¹⁷ A relação completa das coberturas da BBC em formato de diário (*weblog*) pode ser consultada em [<http://newssearch.bbc.co.uk/cgi-bin/search/results.pl?scope=newsifs&tab=news&q=Reporters%27+Log>], acessado em 24 de abril de 2004.

¹⁸ Disponível em [<http://noblat.blig.ig.com.br/>]. Acessado em 28 de maio de 2004.

No Mínimo Weblog

A seção “No Mínimo Weblog” é um dos exemplos de aplicação jornalística do conceito de *blog*. Foi criada como uma coluna assinada em um *site* maior, o “No Mínimo”. Teve início em março de 2001, quando o *site* se chamava “No.”. O nome original da coluna era “O que há” e tinha a assinatura de Pedro Doria, com a colaboração de Thaís Aguiar. A página, nos seus primórdios, era composta de notas e não denotava hierarquização cronológica. A seção continha *links* e comentários. Em abril de 2002, o “No.” teve suas atividades interrompidas por problemas econômicos.

O projeto editorial do “No.” foi recriado em junho de 2002, com o título de “No Mínimo”. Em agosto de 2002, surgiu a seção “No Mínimo Weblog”, assinada por Pedro Doria, que se apresentava como uma retomada da proposta editorial da seção “O que há”. Nesta segunda fase, o *blog* assumiu as características de página organizada cronologicamente, além de manter o propósito original de elaborar *links* com comentários. A seção ressurgiu com o espaço para mensagem de leitores, o que reforçou o vínculo semântico da proposta ao conceito de *weblog*, um efeito obviamente já sublinhado no próprio título da página. Esta análise vai abordar o discurso da seção a partir do momento em que ressurgiu, em agosto de 2002, sob o nome de “No Mínimo Weblog”¹⁹.

A seção estabelece convergência com quatro aplicações do *blog* na imprensa: a página se apresenta em ordem cronológica reversa — o sinal mais facilmente identificável do conceito—; a seção busca, na ferramenta de comentários, a criação de um espaço de discussão, fomentado pelo diálogo; a coluna, igualmente, enfatiza o uso de *links* com glosas e, por fim, a personalização do discurso, demarcada pela presença da assinatura do sujeito da enunciação, também estabelece um vínculo com o conceito de *home pages* pessoais.

A ironia é uma das marcas do discurso, assim como uma certa carnavalização do noticiário, explorada por meio dos *fait divers*²⁰. A coluna também discute notícias sobre jornalismo e sobre a rede. Geralmente, os títulos das notícias têm poucas palavras —muitas vezes apenas uma—, e, na maioria dos casos, não têm verbo.

Em relação às coerções genéricas do *blog*, a seção responde convergentemente: é um suporte digital *on-line*, o estilo discursivo é coloquial, adota também com frequência a parataxe, mantém uma atualização constante, é organizada cronologicamente, constrói um simulacro de co-participação, adota com grande recorrência outros discursos como referência (*links*) e produz um sujeito da enunciação depreensível como totalidade, muito vinculado ao estilo “*blog*” de expressão. O discurso, contudo, é debreado em terceira pessoa, o que o vincula ao gênero jornalístico e apresenta poucas violações em relação à norma culta, um princípio deontológico do fazer jornalístico. O texto também apresenta uma certa inconstância em relação à extensão, ora a notícia limita-se a apenas uma frase de menos de 50 caracteres, ora o conteúdo é mais extenso, com vários parágrafos, ultrapassando 2 mil caracteres.

¹⁹ Disponível em:

[<http://nominimo.ibest.com.br/notitia2/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=33>], acessado em 25 de abril de 2004.

²⁰ *Fait divers*: Notícia que desperta interesse do leitor por implicar rompimento insólito ou extraordinário no curso dos acontecimentos.

Como se apresenta a página

IBEST | DISCADOR | EMAIL | SHOPPING | BUSCA | PRÊMIO IBEST | Weblog | WEBMAIL | CONTROLE REMOTO | CENTRAL DO ASSINANTE | ASSINE JÁ

Sexta-feira, 30 de abril de 2004

no mínimo Weblog

enviar | imprimir

por Pedro Doria

Por outro lado

30.04.2004 | O trecho a seguir vem de um post no blog [Iraq, the model](#), escrito por três iraquianos.

Hoje é um dia especial, meu aniversário. Acordei cedo, tinha muita coisa para arrumar, era um dia bonito. Um que eu devia apreciar vendo as flores de abril, sair de casa, devia celebrar como cabe.

Ai ouvi as notícias: dezenas de pessoas mortas num ataque terrorista em Basra, muitas crianças entre as vítimas. Omar, meu irmão, ainda está em Basra, ficamos preocupados e não descansamos até que conseguimos ligar para um amigo lá para nos informar. Ainda não ouvimos notícias dele, mas isso é porque ele não tem telefone ou Internet na cidadezinha em que trabalha e sabemos que ele não vai ao centro quando essas coisas acontecem.

Essa é minha rotina diária nos últimos 35 anos; guerras, a morte sem sentido de gente inocente, pessoas armadas nos aterrorizando, parentes e amigos mortos ou desaparecidos, tiros próximos ou explosões nos acordando do sono, nossos risos e conversas se perdem no estrondo de caças no céu ou tanques na rua lembrando que estou acordado e onde moro. Parece que não me é permitido viver uma vida normal como a dos outros.

Mundo
The New York Times
The Guardian
The Economist
El País
Ha'aretz
Arabic News
Eurasianet
Far Eastern Economic Review

Mídia
Blue Bus
Ponto Media
Media News

Ciência
Archaeologica News
New Scientist

Tecnologia
Wired
Economist Technology
Quarterly

Sexo

Figura 1: Site "No Mínimo Weblog"

No topo da página há uma barra de *links* para serviços oferecidos pelo provedor iBest, que abriga o *site*. A seguir, imediatamente abaixo, há um *banner*²¹. Logo depois, pode ser vista a data escrita em cinza e abaixo, a logomarca da seção: no mínimo (em caracteres minúsculos, escritos em cinza; o acento da palavra é marcado em vermelho e está perpendicular em relação à letra "i", ao invés de inclinado). Em vermelho, vê-se a palavra *Weblog*, com o "w" em maiúscula no mesmo tipo e corpo da expressão "no mínimo". Imediatamente adiante, há à direita dois textos com *links* com as mensagens "enviar" e "imprimir". Por fim, em cinza à esquerda, há a expressão (assinatura) "por Pedro Doria".

As notícias são inseridas na parte central da página. Como é possível ver na figura 1, a notícia é constituída de um título, seguido de uma marca gráfica que indica o dia da publicação precedendo o texto (30.04.2004, no caso da ilustração). Os enunciados terminam, em alguns casos, com uma remissão, por meio de *link*, a um determinado *site*. Nestas situações, o discurso utiliza a expressão "via" e o nome do *site*. No corpo de cada enunciado, as citações são colocadas em itálico e as remissões de *links* aparecem em vermelho e sublinhadas.

²¹ *Banner*: Pequena mensagem publicitária inserida em uma página da web, com *link* para a página do anunciante.

A página é balizada por dois frames²². À esquerda há uma relação de colunistas e seções do jornal *on-line* “No mínimo”, que termina com *links* de busca (“Busca avançada”) e uma apresentação institucional: “Quem somos”.

O frame direito é encimado por um dispositivo de busca. A seguir, há uma relação de *links* para publicações jornalísticas nacionais e internacionais e *blogs*, classificados sob os títulos “Mundo”, “Mídia”, “Ciência”, “Tecnologia”, “Sexo”, “Humor” e “Blogs”.

O frame esquerdo é marcado pela promoção de *links* para o próprio jornal *on-line*, mas a coluna da direita caracteriza-se como parte do ethos²³ da seção Weblog, o que pode ser observado inclusive no vínculo da cor vermelha do título, mesmo tom usado para os *links*.

Nestes *links*, predomina o noticiário internacional, principalmente o anglófono. O enunciado da coluna é repleto de xenismos, de expressões em outros idiomas. O predomínio é do inglês, mas há também um caso de espanhol.

Nos *links* de “Mundo”, há uma remissão para três publicações norte-americanas, o “The New York Times”, o “ArabianNews” –apesar do nome e do foco nos países árabes, o *site* é sediado em Ohio (EUA) e escrito em inglês– e o “Eurasianet” –apesar do nome e do foco na Ásia Central e no Cáucaso, o *site* é sediado em Nova York e escrito em inglês–; duas britânicas, “The Guardian” e “The Economist”; uma espanhola, o “El Pais”, uma israelense, o “Ha’aretz” –cuja remissão é para a edição em inglês do jornal–, uma chinesa, a “Far Eastern Economic Review”, também redigida em inglês. De todas as nove referências, apenas uma é escrita em um idioma que não o inglês, o “El Pais”. Sob o rótulo “Mídia”, há três indicações, o *site* noticioso brasileiro “Blue Bus”, o *blog* português “Ponto Media” e o norte-americano “Media News”. Sob o título “Ciência”, mas dois *links* para *sites* em inglês, o “Archaeologica News”, que agrega notícias publicadas na imprensa anglófona sobre o tema, e a publicação britânica “New Scientist”. Na seção tecnologia, mais duas publicações anglófonas: “Wired” e “Economist Technology Quarterly”. Sob o título “Sexo”, dois *links* anglófonos, o “Daze Reader” e o “Eros Blog”, que abordam o tema com humor. Sob o título Humor, um *blog* brasileiro, o “Eu Hein!”, e um norte-americano, o “The Onion”. Por fim, na seção intitulada “Blogs”, mais sete *links*. Destes, cinco são em inglês, “Metafilter”, “Guardian” (o jornal é citado tanto na seção “Mundo” quanto na seção “Blogs”), “A&L Daily”, “Boing-Boing” e “Scripting News” e dois em português: “InternetETC.” e “Filtro”.

Vemos, portanto, 21 *links* para *sites* noticiosos ou *blogs* em inglês, um em espanhol e cinco em português. Vemos neste arranjo um predomínio do noticiário internacional, focado nas grandes manchetes (“Mundo”), na mídia, na ciência, na tecnologia, no *fait divers* (tanto na seção “Blogs” como na seção “Sexo”) e no humor, o que pressupõe, no caso dos dois últimos itens, uma disposição carnavalizadora no enfoque. A tematização do noticiário da coluna Weblog reproduz o foco da coluna de *links* e prioriza a pauta internacional, em detrimento da nacional.

²² Frame: divisão de tela em áreas distintas.

²³ O conceito de ethos será aplicado nesta pesquisa do modo que Maingueneau o definiu: um “tom”, que seria o modo como a cenografia construída na enunciação evoca uma forma de dizer (D. MAINGUENEAU. *Ethos, scénographie, incorporation*. In: *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1999).

A página, a priori, pressupõe um leitor que domina principalmente o idioma inglês, mas também o espanhol; um leitor que se interessa por tecnologia da informação e ciência, principalmente arqueologia e história, pelas notícias sobre mídia e por *fait divers*. Um leitor, acrescente-se, pouco ligado à agenda da grande imprensa brasileira ou que procura complementar no *site* seu cabedal de informações.

Podemos deduzir neste contexto uma dêixis espacial articulada em um *hic* disfórico, o Brasil, pois o foco de atenção tanto do enunciador quanto dos co-enunciadores é no noticiário internacional. Essa percepção se acentua quando pesquisamos mais atentamente os enunciados. É o que veremos na análise de enxertos da seção.

A espacialização no discurso

No chão²⁴

19.04.2004 | Uma crise estourou no centro mundial do cinema pornô, nas proximidades de Los Angeles, Califórnia. Atende pela sigla Aids.

Para protegerem-se, os atores e atrizes são testados a cada três semanas pelo mesmo instituto – AIM, Adult Industry Medical. Há alguns dias, pela primeira vez desde 1999, o ator Darren James foi diagnosticado²⁵ soropositivo.

No processo de pesquisa para descobrir com quem Darren teria tido relações fora da indústria controlada, localizaram sua viagem, quem diria, ao Brasil. Uma espécie de paraíso sem controle da indústria pornográfica.

Imediatamente, a AIM decretou quarentena para a lista²⁶ de todas as atrizes que contracenaram recentemente com ele (a primeira geração) e todos os atores que tiveram relações com estas (a segunda).

Na seqüência – e independentemente da quarentena do instituto AIM – os principais estúdios de cinema suspenderam suas filmagens. No caso dos maiores, há produções inéditas o suficiente para manter o ritmo dos lançamentos por uns dois meses. Para os atores e atrizes, no entanto, é notícia ruim. Ganham por cena – muitas vezes, mal. Faltarão dinheiro.

Uma das atrizes que contracenou com Darren já foi decretada soropositiva. Chama-se Laura Roxx, tinha estreado há pouco. Com ela, mais duas gerações de atores e atrizes foi incluída na lista oficial da quarentena. [14 comentários]

A notícia tem 1.324 caracteres, 204 palavras e 5 parágrafos. É um texto, portanto, que disjunge da coerção genérica do *weblog* quanto à brevidade textual. Os temas do enunciado são a aids e a indústria de filmes pornográficos norte-americana. Trata-se de um discurso marcadamente calcado na função referencial.

As fontes do noticiário, com as quais o texto se funda e estabelece uma relação de interdiscursividade, são uma notícia em inglês e uma página com uma relação de nomes em quarentena, que são os dois *links* marcados em vermelho e sublinhados no original. Estabelece-se no discurso, implicitamente, que os co-enunciadores têm competência lingüística para interpretar as páginas, o que constrói o ethos de um enunciatário culto, familiarizado com o idioma inglês. A narrativa —partimos aqui do pressuposto que notícias

²⁴ Disponível em

[<http://nominimo.ibest.com.br/notitia2/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=33>], acessado em 29 de abril de 2004.

²⁵ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://adultfyi.com/read.aspx?ID=3148>]. Trata-se de uma notícia em inglês sobre o caso, com a foto do ator infectado.

²⁶ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.aim-med.org/Quarantine.html>]. Trata-se de uma lista com o nome pessoas sob suspeita de contaminação pelo vírus HIV.

supõem uma narratividade subjacente²⁷ — funda-se em duas narrativas anteriores. O enunciado, acrescenta-se, por fundar-se em dois discursos, configura-se como narrativa de encaixe, como a define Todorov.

" (...) O encaixe é uma explicitação da propriedade mais profunda de toda a narrativa. Pois a narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa (...) ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através de encaixe"²⁸.

Trata-se, portanto, de um texto jornalístico que se funda em outros dois e que se valida pela existência de ambos. Estamos portanto com o blog diante de um enunciado que mostra e marca a heterogeneidade constitutiva²⁹.

A notícia é, igualmente, um *fait divers* e se constitui do modo que Barthes³⁰ o descreve: um discurso que estabelece uma relação de causalidade e/ou de coincidência entre duas ações aparentemente díspares. No caso do enunciado, há tanto uma relação de causalidade quanto de coincidência que podem ser expressas no algoritmo abaixo:

Viagem ao Brasil (causa) → Contaminação pelo vírus da aids (efeito)

Por um lado, a coincidência ocorre com o espaço do enunciado, o Brasil. A relação de causalidade, por sua vez, estabelece-se no fato de o sujeito do enunciado, o ator pornográfico, ter se contaminado ao passar pelo país. Há aí uma dicotomia espacializada. A notícia figurativiza o topônimo Brasil como “uma espécie de paraíso sem controle da indústria pornográfica”. O sujeito do enunciado, vê-se no discurso, “teria tido relações fora da indústria controlada”. O discurso estabelece uma antinomia com um “*hoc*”, o topônimo Califórnia, figurativizado como local de controle, pois “os atores e atrizes são testados a cada três semanas pelo mesmo instituto”. O objetivo do procedimento, segundo o discurso, é para eles “se protegerem”. O “*hoc*” do enunciado é, no discurso, um local seguro.

Com tais procedimentos de figurativização, a enunciação ideologiza o espaço de acordo com o simulacro a ser criado: Brasil – disfórico, Califórnia – eufórico. A contaminação, segundo o informe, parou os estúdios de cinema. Neste sentido, a notícia também se reforça como *fait divers*, pois uma pequena causa (a viagem de uma pessoa ao Brasil) gerou uma grande consequência: a paralisação de todo um segmento da indústria cinematográfica. O sujeito da enunciação, acrescenta-se, estabelece uma diferença no discurso: os “principais” estúdios cinematográficos não teriam grandes perdas porque “há produções inéditas o suficiente para manter o ritmo dos lançamentos por uns dois meses”, mas os “atores e atrizes”, teriam sido prejudicados, porque “ganham por cena — muitas vezes mal”, o que os levará a ficar sem dinheiro, ou seja, em uma situação de privação.

²⁷ A.J.GREIMAS e J. COURTÉS. *Dicionário de Semiótica*. Trad. de A.D. Lima et alii. São Paulo, Cultrix, 1989, p 294.

²⁸ T.TODOROV. *As estruturas narrativas*. Trad. de L.Perrone-Moisés. São Paulo, Perspectiva. 1969, p 126.

²⁹ AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, n. 26, Paris, Centre de recherché de l'Université de Paris VIII. 1982, p 91-99.

³⁰ R. BARTHES. *Essais critiques*. Paris, Seuil, 1964, p 188-197.

Há também uma espacialização no enunciado que se detecta logo no título: “No chão”. No caso, o “baixo” da enunciação se apresenta sob uma articulação tímica disfórica, conforme podemos ver em Courtés³¹:

Alto □ Euforia

Baixo Disfória

Os sujeitos do enunciado, os atores e atrizes pornôs da Califórnia, estão sob uma articulação tímica disfórica, decorrente da contaminação por aids de um deles, que visitou o Brasil.

Observa-se, da mesma forma, um duplo sentido no discurso. O enunciado está se referindo a um ambiente tido como libidinoso, que é a indústria de filmes pornográficos. O título, no contexto do discurso coloquial, alude à idéia de falta de desejo sexual e cria um efeito antifrástico: a instituição que deveria excitar a libido fálica está abúlica. O título produz um efeito semântico cômico discreto na alusão à impotência de uma indústria que explora a lubricidade. Carnaliza-se –e, por extensão, carnavaliza-se– a situação econômica tematizada.

Há, por fim, um desvio da norma culta, no que tange à concordância verbal, na última frase do enunciado: “mais duas gerações de atores e atrizes foi [sic] incluída na lista oficial da quarentena”.

Vamos agora observar como o sujeito da enunciação projeta o “ethos” jornalístico.

O sujeito da imprensa como actante

*Quando jornalistas não contam o que sabem*³²

27.02.2003 | *Repórter de ciência do diário novaiorquino Newsday, premiada com o conceituado Prêmio Pulitzer, Laurie Garrett foi para Davos cobrir o Fórum Econômico Mundial. Leitores freqüentes deste weblog conhecem a história. Da Suíça, disparou um longo email para os amigos contando o que viu e o que ouviu: uma carta pessoal rica em informação e observações. Entre outras coisas, ouviu dos chefes das polícias federais da Alemanha e da Arábia Saudita que quem tinha know-how de terror na Al Qaeda estava morto ou preso.*

Aí a Internet fez sua mágica. Um dos amigos considerou o relato interessante e repassou-o para outros. O vírus espalhou-se, foi dar numa lista de mensagens cujos arquivos estão na web. Das caixas de email, virou página, de página link, caiu nos blogs. A trupe do Metafilter - os melhores caçadores e desbravadores de informação no mundo blogueiro - levantaram se a história era verdadeira ou não. Encontraram Laurie. Ela ficou danada da vida: sim, tinha mandado o email. Aquilo, reclamou, era uma invasão de privacidade.

Põe-se na conta dos causos da grande rede, levanta duas questões: primeiro, é uma invasão de privacidade? E, segundo, por que as informações não foram publicadas no jornal?

Quem é esperto sabe que, lá no Conselho de Segurança da ONU, rola um grande teatro. Os líderes do mundo sabem muito mais do que contam e o que contam é hipócrita. Uns conhecem as razões dos outros e elas não são trazidas a público. Das várias coisas que a repórter Laurie Garrett ouviu em Davos, esta do desmantelamento da Al Qaeda pesa qual chumbo na discussão que corre a respeito do Iraque. Mas ela ou seus editores julgaram que não cabia às páginas impressas. Mais grave: ela ouviu numa pequena reunião a informação ao mesmo tempo em que outros jornalistas a ouviram. Eles, e seus editores, também julgaram que não cabia à publicação.

³¹ J. COURTÉS. *Analyse sémiotique du discours: de l'énoncé à l'énonciation*. Paris: Hachete, 1991, p 274.

³² Disponível em

[<http://nominimo.ibest.com.br/notitia2/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=33&textCode=4207¤tDate=1046314908000>], acessado em 29 de abril de 2004.

Um email pessoal, por uma questão de cortesia do remetente, não deve ser tornado público. É uma norma de etiqueta que vale desde os tempos em que moleques entregavam bilhetes no outro lado da cidade e ficavam aguardando a resposta. Com a facilidade da tecla Forward/Encaminhar, caiu na falta de elegância (ou grosseria, mesmo) vigente. Mas uma vez publicada na web e não se tratando de questão pessoal, como ignorar? É o caso dos grampos ilegais de autoridades aprontando. Não se corrobora o crime do grampo ao tornar público seu conteúdo - se este é do interesse público. (Longa discussão: que é interesse público e que não é?)

A GloboNews vem reprisando a entrevista que o repórter Marcos Uchôa fez com o correspondente do diário britânico Independent no Oriente Médio, Robert Fisk. Há 27 anos residente no Líbano, Fisk é daqueles que faz entrevista em árabe e hebraico. Osama bin Laden, entrevistou-o três vezes, como nenhum outro repórter fez. Para Uchôa, ele reclama da imprensa vigente. Diz que o jornalismo anda confundindo suas prioridades, principalmente nos EUA. Como se questionar o governo fosse antipatriótico em momentos de crise ou guerra, quando é justamente o papel da imprensa questionar o governo sempre - principalmente nos momentos de crise.

Como são as agências de notícia norte-americanas e seus jornais que dissipam informação para grande parte da imprensa mundial, é o caso do Brasil, somos todos mal informados por consequência.

Ao ler o noticiário, o público tem toda a razão de ler desconfiado. Mais que uma questão de quebra de privacidade, é isto que a mensagem de Laurie Garrett para os amigos demonstra. Em seu weblog, o editor-chefe da Salon.com, Scott Rosemberg, faz uma análise neste sentido.

O email de Garrett está publicado na web para quem quiser lê-lo.

[Laurie Garrett and Davos: What do journalists really think?](#)³³

[O email: Swiss view](#)³⁴

O enunciado tem 3.713 caracteres, 620 palavras e 11 parágrafos. O tema é a maneira como a imprensa trabalha com as notícias. As fontes do noticiário, com as quais o texto se fundamenta e estabelece uma relação de interdiscursividade são: o *blog* em inglês do jornalista norte-americano Scott Rosemberg e uma página com a reprodução de um e-mail, que são os dois *links* marcados em vermelho e sublinhados no original. Há também a menção a uma entrevista televisiva realizada por uma emissora brasileira. A narrativa, portanto, funda-se em três narrativas anteriores, duas em inglês e a terceira, periférica ao tema, em português.

No discurso, o sujeito da enunciação figurativiza a tecnologia como meio de verdade e, por extensão, como uma expressão autêntica de jornalismo. Isto pode ser visto quando se observa que o enunciado transmite a informação que a jornalista descreveu “o que viu e o que ouviu” no e-mail e não na reportagem. Mais adiante no mesmo texto, o sujeito da enunciação chega a fazer uma pergunta perlocutória: “por que as informações não foram publicadas no jornal?”. Doria reforça esse efeito de sentido ao acrescentar a frase “Mas ela ou seus editores julgaram que não cabia às páginas impressas”.

O enunciado figurativiza como “grave” o gesto e generaliza o procedimento ao acrescentar que “ela ouviu numa pequena reunião a informação ao mesmo tempo em que outros jornalistas a ouviram” e adotaram a mesma postura. Por meio da trama discursiva, o sujeito da enunciação valoriza a “autenticidade” do meio digital enquanto desaprova a

³³ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://blogs.salon.com/0000014/>]. Trata-se da notícia do *site* Salon que o enunciado menciona.

³⁴ O trecho sublinhado apresenta um *link* para [<http://www.topica.com/lists/psychohistory/read/message.html?mid=1711891071&sort=d&start=4389>]. Trata-se do e-mail mencionado.

imprensa por manter notícias no modo de segredo, como podemos ver no quadrado semiótico.

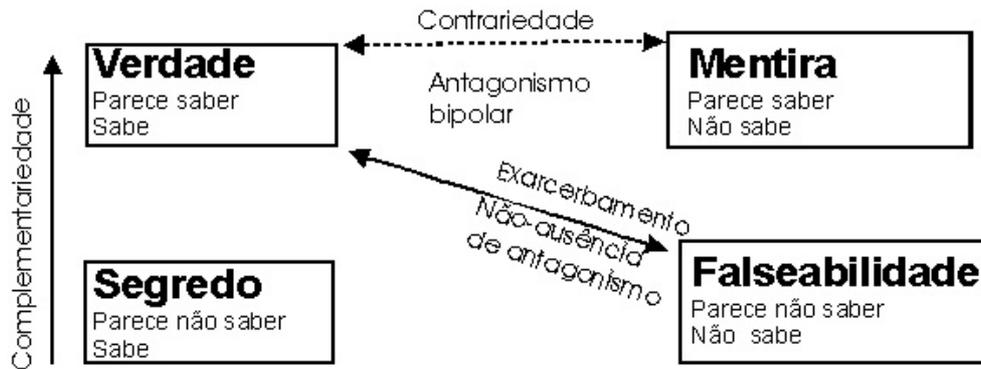


Figura 2: Quadrado semiótico

Enquanto a imprensa, no discurso, esconde a notícia, a Internet é figurativizada como “mágica”. Os autores do *blog* Metafilter, por sua vez, são figurativizados como “trupe”, reforçando o efeito de sentido de “coisa fantástica”, o enunciado ainda predica o fazer dos blogueiros como jornalístico, pois eles deram-se ao trabalho de checar a informação antes de publicá-la, um dos princípios deontológicos da atividade. A rede, consubstanciada nas figuras do e-mail e dos *blogs* do Metafilter e do editor do Salon.com, trouxe a “verdade” à tona. Observe-se que a antinomia entre jornalismo e Internet mantém-se até no caso do profissional de imprensa citado, Scott Rosemberg. O sujeito do enunciado não é citado em artigo do jornal *on-line* que edita, mas sim em mensagem de seu weblog, colocando-o, neste caso, à parte do universo da imprensa *on-line*.

O enunciado desenvolve, portanto, um esquema argumentativo de que a imprensa serve aos interesses dos líderes políticos internacionais que planejavam atacar militarmente o Iraque — a notícia é de 27 de fevereiro de 2003, anterior, portanto, à ocupação do país, que começou no dia 19 de março—. Para reforçar o efeito de sentido, o sujeito da enunciação acrescenta que a informação “pesa qual chumbo na discussão que corre a respeito do Iraque”, referência intertextual às notícias sobre a votação, no Conselho de Segurança da ONU, de uma resolução recomendando o uso da força naquele país. A trama discursiva realça este viés de conluio ao mencionar a crítica do jornalista Robert Fisk de que “o jornalismo anda confundindo suas prioridades”.

A tessitura argumentativa do discurso estabelece um jogo de particularização e generalização que torna as várias alusões da idéia de “imprensa” no discurso em sinédoque de grande imprensa, como a definiu o Grupo Mi³⁵. Podemos ver o processo na particularização do antropônimo “Laurie Garrett”, figurativizada como expoente profissional, porque foi “premiada com o conceituado Prêmio Pulitzer”, o que deixa implícito que a mesma trabalha em um grande jornal. A famosa jornalista, observamos no discurso, não divulgou a notícia importante, o que particulariza a informação, mas o

³⁵ J.DUBOIS et al. *Retórica Geral*. Trad. de C.F.Moisés et alii. São Paulo, Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, 1974, p 146-151.

enunciado também acrescenta, generalizando, que os jornalistas que foram enviados para cobrir o evento de Davos —o que implicitamente denota a idéia de uma imprensa economicamente forte, que pode enviar para a Suíça jornalistas para cobrir eventos — também adotaram a mesma postura. O discurso reforça esse efeito de sentido ao afirmar que são “as agências de notícia [sic] norte-americanas e seus jornais que dissipam informação para grande parte da imprensa mundial, é o caso do Brasil”. Ao falar de imprensa, o sujeito da enunciação exclui o Brasil, situando o país como agente passivo do processo, disforizando mais uma vez o *hic* da enunciação, como havíamos observado no enunciado sobre a indústria pornô.

O efeito de sentido de que a imprensa se mantém no modo de segredo é reforçado no título “Quando jornalistas não contam o que sabem”. O sujeito da enunciação ainda acrescenta: “Ao ler o noticiário, o público tem toda a razão de ler desconfiado”.

Conclusões

O sujeito da enunciação mostra-se crítico em relação à imprensa no que se relaciona ao controle na divulgação de informações, o que pode ser apreendido na tematização e no tom do discurso, em seu ethos. Na coluna Weblog, a Internet seria um antídoto para esse “problema”. Observa-se um engajamento no sentido de desmistificar o fazer jornalístico, que tem nos EUA seu centro produtor principal e no Brasil, sua periferia. Uma periferia, sublinhe-se, disforizada. O lugar enunciativo, a dêixis, por sua vez, evoca celsitude, pois ao disforizar o baixo, o sujeito da enunciação coloca-se à parte do ambiente que retrata.

Bibliografia

BOWMAN, Shayne e WILLIS, Chris. *We media: how audiences are shaping the future of news and information*. 2004. Disponível em:

[<http://www.americanpressinstitute.org/mediacenter/research/wemedia/>]. Acessado em 9 de janeiro de 2004.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo, Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 2001, 2 ed.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, 2 ed.